

SEM FÔLEGO

Coexistem nos Estados Unidos o cinema industrial de Hollywood e o cinema independente.

Conquanto advindo das décadas de 1940/50 é nos anos 90 do século passado que esse cinema apresentou notável desenvolvimento, surgindo inúmeros cineastas e filmes.

Notabilizaram-se, principalmente, **Jim Jarmush** (*Dumbailó*), **Gus Van Sant** (*Garotos de Programa*), Quentin Tarantino (*Cães de Aluguel*), **Steven Soderbergh** (*Sexo, Mentiras e Videotape*), Abel Ferrara (*Olhos de Serpente*), **Kevin Smith** (*O Balconista*), **Bryan Singer** (*Os Suspeitos*) e **Hal Hartley** (*Amateur*), entre outros.

Sem Fôlego (Blue in the Face, 1995), de Wayne Wang e Paul Auster, passa-se em tabacaria do bairro de Brooklin/Nova Iorque, sendo o protagonista interpretado pelo conhecido ator Harvey Keitel, com participação, entre outros, do roqueiro Lou Reed, do cineasta Jim Jarmush como Bob e, em uma seqüência, de Madonna, contendo o filme boa trilha sonora, abrangente desde músicas de Arnaldo Antunes (“De Mais Ninguém”) na voz de Marisa Monte, e de outros, até composições de David Byrne (também excelente cineasta), a canção *God’s Child*.

A personagem que Keitel representa posta-se despretensiosamente atrás do balcão e passa o dia atendendo, ouvindo mais que dialogando e, principalmente, compreendendo seus fregueses habituais.

Aí se sucedem caracteres diversos, problemas pessoais múltiplos, vicissitudes particulares. Mas, nada de grave, nada de trágico ou paroxístico. Apenas, o que já é muito, dada a vulnerabilidade da espécie, os indivíduos de sempre com seu cotidiano repetitivo e dificuldades costumeiras, que, proporcionalmente à sua condição, tornam-se, para eles, grandes e complexas, dados seus limitados meios para resolvê-las e carência de perspectiva de alteração positiva em seu normal trem de vida.

Esse desfile é leve e atiladamente estruturado e conduzido. Sem pretensões intelectualizantes, com naturalidade e autenticidade expõem-se seres humanos e circunstâncias vivenciais, assentando-se o filme em bases realistas e em apenas ligeira dramatização do relacionamento entre o proprietário do estabelecimento e sua namorada ou companheira. Porém, de maneira lúcida e pontuada de leve (e simpática) ironia. Já a ligação do balconista (Keitel) com sua respectiva namorada é mais elaborada ou intelectualizada, dissolvendo-se em singeleza e espontaneidade toda sua potencial possibilidade de dramalhão. (Guido Bilharinho)